

# Ser expatriado não é moleza!

- 1 Quais foram seus principais medos e receios na hora de decidir se valia a pena vir ou não ao Brasil?
- 2 Eles se concretizaram?
- 3 O que é mais difícil quando se vive em outro país?
- 4 Faça uma lista com as coisas positivas e negativas dessa experiência.
- 5 Leia o texto da revista Você S/A e comente.

## Ser um expatriado não é moleza. Veja os motivos

**O caso dos profissionais participantes do programa Mais Médicos ajuda a discutir o que levar em conta diante da oportunidade de trabalhar no exterior**

por Ueslei Marcelino | VOCÊ S/A | set. 2013

Os primeiros participantes do programa Mais Médicos desembarcaram no Brasil no último mês. A chegada dos estrangeiros despertou discussões acaloradas, reações corporativistas e críticas à forma como o governo brasileiro associou-se ao cubano para viabilizar a transferência de médicos de um país ao outro. Esse assunto tem ainda outro aspecto, menos polêmico do ponto de vista político, mas relevante para profissionais que estão diante de uma possibilidade de expatriação — um movimento de carreira semelhante ao dos médicos estrangeiros. Para fazer essa análise, é preciso se colocar na pele desses profissionais.

Supondo que ninguém tenha sido obrigado a vir, trata-se de uma opção de carreira. Cada médico viu na mudança para o Brasil alguma oportunidade profissional. Seja pela remuneração, seja pela experiência de vida, ele pesou prós e contras, como faz quem analisa uma proposta de emprego. E aceitou ingressar no Mais Médicos.

O que acontecerá com esses profissionais e qual será o sucesso do programa do governo ainda não é possível saber. Mas expatriados e especialistas de carreira podem contar as agruras de uma experiência dessas e apontar uma segunda opinião para quem vai deixar o país natal rumo a novas terras.

### HAVERÁ DECEPÇÃO

De acordo com um estudo da escola de idiomas Berlitz, no momento que antecede a viagem e durante os primeiros meses após chegar ao novo país, o profissional vive um “estado de turista”. Nessa fase, ele está encantado com a cultura local, o clima e o novo desafio profissional. Isso significa que as decisões de carreira tomadas nesse início de projeto contêm um componente de euforia. Depois do otimismo inicial, começa um período de comparação entre o país de origem e o local. E aí as desvantagens aparecem. Em alguns casos, pode acontecer uma depressão. “É o que chamamos de expatriação fracassada”, diz Silvia Freitas, diretora do Berlitz. A pior crise, segundo Silvia, é quando o expatriado fica indo e vindo, lá e cá, o que causa um desgaste na relação com a família.

### O QUE FAZER COM A FAMÍLIA

Em geral, as pessoas não se mudam sozinhas, e sim com a família. E, se a família não estiver feliz, o profissional não conseguirá ficar bem. “As principais crises que podem surgir são mesmo as familiares”, diz Claudia Pohlmann, diretora de Recursos Humanos da DuPont, companhia química localizada em São Paulo. É preciso pensar na ocupação do cônjuge e na educação dos filhos, caso essas pessoas acompanhem o expatriado. Ou na saudade e no desgaste da família na

hipótese de apenas o profissional migrar. Na DuPont, por exemplo, a expatriação é comum. A empresa adota uma série de práticas para assegurar que o funcionário mantenha no exterior o mesmo desempenho do local de origem, ajudando na mudança com o auxílio-moradia e com a assistência de saúde especial.

### **É PRECISO PENSAR NA EXPERIÊNCIA**

A expatriação precisa ser compreendida como um projeto temporal. Quando se mudaram para o México, Érica Coelho, auditora interna da DuPont, e seu marido decidiram não viver de maneira saudosista, mas concentrados no presente. “Isso proporcionou uma grande integração com a cultura local e fez com que aproveitássemos a experiência”, diz Érica. O profissional também deve procurar analisar como é o cotidiano no destino com um olhar de trabalhador, e não de turista. “Recomendamos que o expatriado conheça antes o lugar para o qual irá”, diz Monica Longo, diretora de recursos humanos da Nivea. “É importante circular em ambientes que fazem parte da vida de quem mora naquele local.”

### **A SOLIDÃO VAI BATER**

A consultora Larissa Waccholz, de São Paulo, voltou em agosto da China após cinco anos. Durante a es-

tada, conheceu seu marido, que é brasileiro. A companhia do cônjuge amenizou a solidão que sentiu nos primeiros meses e facilitou a experiência de viver num país tão distante e diferente. “Ficar longe de todo mundo, totalmente sozinha, não teria sido nada fácil.”

### **SENSAÇÃO DE AFASTAMENTO**

Outra crise que pode bater é a falta de contato com as oportunidades de carreira no Brasil. Quem fica muito tempo fora tem seu *networking* local prejudicado. A consultora Larissa Waccholz tinha receio de perder contato com o mercado de trabalho. “Mas havia um questionamento de cunho profissional sobre ficar fora de nosso mercado de trabalho de origem por tanto tempo.”

### **O QUE COMPENSA**

A expatriação é uma oportunidade de desenvolver a habilidade de negociação, ver os cenários por diferentes pontos de vista e lidar melhor com a diversidade e com culturas diferentes. É a experiência que conta. “Brinco que a novela mexicana valeu muito a pena!”, diz Érica, da DuPont, expatriada para o México. O importante é não perder de vista que se trata de uma decisão de carreira que pode afetar outros aspectos da vida.

---

**6** Um amigo seu está com uma boa proposta de trabalho em outro país e escreveu pedindo conselhos. Escreva um email contando sua experiência e as coisas boas e ruins de ser um expatriado.